

Um curso de história da música para estudantes de medicina?

Francisco Silveira Guimarães 

RESUMO

A participação em atividades lúdicas e reflexivas poderia aumentar a resiliência dos estudantes ao estresse associado ao curso de medicina. Nesse sentido, a música poderia facilitar o desenvolvimento de sentimentos e atitudes, como inclusão social, equilíbrio, atenção, imaginação e reflexão essenciais à prática clínica. Neste artigo relatamos nossa experiência com a disciplina optativa “Introdução à história da música erudita ocidental”. Ela é oferecida anualmente aos estudantes de medicina desde 2015. As avaliações anônimas recebidas por 62,5% dos 64 estudantes que frequentaram a disciplina até o momento evidenciaram uma elevada satisfação (100% de avaliações caracterizadas como boa ou ótima) e o reconhecimento de sua importância para a formação médica (95% de avaliações caracterizadas como boa ou ótima). Estes resultados são encorajadores para a continuidade da disciplina e a introdução de atividades optativas similares no currículo da nossa Faculdade.

Palavras-chave: Música; Ensino; Medicina

A influência da qualidade de vida no processo de ensino-aprendizagem é bem reconhecida na literatura¹⁻⁴. O curso de medicina pode ser fonte importante de estresse e transtornos psicológicos, impactando de forma negativa a essa qualidade e, com isso, o rendimento acadêmico dos alunos^{1-3,5,6}. É paradoxal, no entanto, que um curso que objetiva a formação de promotores da saúde frequentemente pouco ofereça em relação a atividades voltadas à prevenção destes problemas nos seus estudantes⁴. Nossa Faculdade é uma exceção a isso, contando, desde 1990, com um centro voltado ao apoio educacional e à promoção da saúde mental, o CAEP (Centro de Apoio Educacional e Pedagógico).

Em um desafio adicional a este centro, no ano de 2020 somaram-se, aos elevados índices de estresse usualmente presentes na vida acadêmica, as consequências negativas da pandemia de COVID-19. Ela resultou, além da apreensão com a própria saúde, em uma mudança emergencial do formato presencial para o de um ensino à distância, trazendo preocupações extras relacionadas à motivação reduzida, pressão aumenta-

da para o aprendizado independente, abandono de rotinas e de relações sociais bem estabelecidas dentro da academia⁷. Não é à toa que os primeiros estudos indicam que uma percentagem considerável dos estudantes refere uma redução importante na sua qualidade de vida associada a aumento considerável de transtornos mentais⁷.

Respondendo a esta situação, o CAEP, em conjunto com outras Comissões da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP), lançou em 2020 a campanha “FMRP unida por um semestre melhor”. Entre seus objetivos temos os de “estimular, permanentemente, o desenvolvimento pessoal e profissional dos membros da comunidade em todos os espaços de trabalho ou convivência presencial ou virtual; abrir espaço para a reflexão, o diálogo e a troca de experiências; favorecer uma comunicação respeitosa e qualificada; e criar oportunidades para a aquisição e aprimoramento das competências necessárias o cumprimento do nosso papel de estudantes/aprendizes e profissionais/educadores”.

O reconhecimento de que a formação humanística é essencial na educação médica fez

Médico, Doutor em Farmacologia
Professor Titular do Departamento de Farmacologia
Consultor do Centro de Apoio Educacional e Psicológico (CAEP)
Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, (SP), Brasil

com que inúmeras disciplinas formais voltadas a este tópico fossem criadas. Algumas Faculdades de Medicina, além disso, incorporaram atividades focadas especificamente no ensino das artes. Por exemplo, em 1996 a Universidade de Oslo iniciou um curso baseado em seminários sobre literatura, artes visuais, arquitetura e música. O objetivo da disciplina foi o de demonstrar como a arte pode servir ao desenvolvimento pessoal e profissional, sendo fonte de reflexão sobre o contexto social, cultural e histórico da prática médica, e melhorando a formação e a qualidade de vida dos estudantes^{8,9}.

Poderia um curso sobre a história da música erudita também contribuir para isso aqui no nosso meio? Inspirado nesta possibilidade, em 2015 passamos a oferecer anualmente aos estudantes de medicina da nossa escola uma disciplina optativa com este tema. Neste texto procuramos fazer um breve histórico do curso e refletir sobre seu potencial impacto na qualidade de vida e desenvolvimento pessoal dos estudantes, particularmente nas condições impostas pela COVID-19.

AS ORIGENS DA DISCIPLINA

Em 1975, quando estávamos prestando o vestibular para ingressar no curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), um amigo nos convidou para assistir a uma apresentação da Nona Sinfonia de Beethoven pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, na época dirigida pelo grande maestro Pablo Komlós. Aquela experiência representou uma verdadeira epifania, e nos despertou um profundo desejo de conhecer mais sobre a música clássica. Nossa procura por este conhecimento coincidiu com o aprendizado de medicina, criando uma associação permanente entre ambos.

Na época, boa parte dos concertos da OSPA eram realizados no Salão de Atos da UFRGS, ao qual, como estudantes, tínhamos acesso gratuito. Além disso, tivemos a sorte de frequentar uma pinacoteca que possuía uma excelente coleção de discos de vinil (LPs) de música clássica. Nela encontramos o livro "Uma nova história da música"¹⁰, de Otto Maria Carpeaux, um grande intelectual austríaco que o Brasil teve a sorte de abrigar. O livro é excelente. Graças a sua vasta

erudição, Carpeaux conseguiu associar de forma clara e concisa o desenvolvimento da música ao das artes plásticas e da literatura ocidental.

Muitos discos, fitas cassetes, livros, um curso de medicina, e uma residência em medicina interna depois, viemos para Ribeirão Preto fazer nossa pós-graduação em Farmacologia. Aqui tivemos a primeira experiência de ensino de história da música. Aproveitando a já considerável coleção de LPs e fitas cassete que possuíamos, organizamos, a pedido dos colegas do pensionato "Vita et Pax" aonde residíamos, um pequeno curso sobre o tópico.

Após a contratação como docente do Departamento de Farmacologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (1987), e posterior pós-doutoramento na Universidade de Manchester, Reino Unido (1989-1990), finalmente nos matriculamos em um curso formal de música. Aprendemos piano por dois anos, tocando (com muito suor e pouca inspiração e habilidade) algumas peças básicas do repertório. A essa altura, com o estágio na Inglaterra, nossa coleção musical havia crescido significativamente e incluía muitos "compact disks" (CDs) e vários novos livros sobre música. O período na Europa também nos permitiu assistir a várias óperas e adquirir os primeiros vídeos dessa forma artística fascinante.

A MOTIVAÇÃO PARA OFERECER A DISCIPLINA

Há muito anos, quando ainda éramos monitores da disciplina de Farmacologia para o Curso de Medicina da UFRGS, participamos de uma ótima oficina para treinamento didático. Dos muitos ensinamentos recebidos, um em especial influenciou nossas atividades como docente. Foi a definição de ensinar como a possibilidade de abrir novos caminhos. Neste ponto, gostaríamos de nos reportar a um filme, o "Silêncio dos Inocentes", de Jonathan Demme. Nele, o personagem Hannibal (para aqueles que não assistiram, um psiquiatra psicopata interpretado brilhantemente por Anthony Hopkins) oferece a pista que irá permitir à detetive do FBI Clarice (interpretada por Jodie Foster) identificar o "serial killer" que buscava: "nós desejamos aquilo

que vemos". Adaptando para o ensino: "nós desejamos aquilo que conhecemos". Assim, passamos a enxergar o ensino como uma atividade que propicia aos estudantes novas possibilidades de "desejar" algo, ampliando seu leque de escolhas na vida. Como para alguns a grande música não é apenas um entretenimento, mas um "ponto de referência em um mundo imprevisível, uma fonte de reconciliação, alegria, e esperança que nunca falha"¹¹, por que não aproveitar a vasta coleção musical que possuíamos e oferecer aos estudantes a oportunidade de conhecer (e eventualmente "desejar") este novo "caminho"?

A MÚSICA E A MEDICINA

A relação entre a música e a medicina é milenar^{12,13}. É interessante que os Gregos, por exemplo, tenham colocado o mesmo deus, Apolo, como encarregado da música e da medicina¹⁴. Já no Velho Testamento, no livro primeiro de Samuel, é descrita sua capacidade terapêutica sobre os tormentos mentais do Rei Saul: "Todas as vezes que o espírito de Deus o acometia, Davi tomava a lira e tocava; então Saul se acalmava, sentia-se melhor, e o mau espírito o deixava" (1 Samuel, 16:23).

Nas últimas décadas, a investigação científica da musicoterapia avançou significativamente. Por exemplo, é reconhecido que a música pode alterar a função cardíaca e o funcionamento de circuitos neurais, reduzir níveis plasmáticos de hormônios associados a estresse e a respostas inflamatórias. Seu potencial terapêutico em determinadas situações é apoiado por ensaios clínicos controlados¹³⁻¹⁵.

Além de aspectos terapêuticos, no entanto, a música também tem sido incorporada em algumas escolas de medicina com os objetivos adicionais de expandir a apreciação do estudante sobre a condição humana, encorajar o inter-relacionamento com as humanidades, fortalecer relações interpessoais, dissolver a hierarquia médica tradicional (professor-médico contratado-residente-veterano-calouro) e promover reflexões sobre as experiências dos pacientes em um contexto social, cultural e histórico¹³.

A ESTRUTURA DO CURSO

O curso faz parte da disciplina RCG0394 - Atividades de Cultura e Extensão. Esta disciplina foi criada em conjunto pelas Pró-reitorias de Graduação e de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo através da resolução CoG e CoCEX Nº 4738, de 22 de fevereiro de 2000. A nossa Faculdade, com base no § 2º da resolução, optou por dividir a disciplina em módulos, um deles a "Introdução à Música Erudita Ocidental".

O curso visa primariamente propiciar ao estudante uma visão histórica do desenvolvimento da música erudita ocidental, de seus primórdios desde onde a história consegue alcançar (visto que a música nos acompanha desde a pré-história), isto é, do canto gregoriano, até a música moderna e contemporânea. Ele envolve cerca de 16 encontros presenciais semanais de 1,5 a 2 h de duração, realizados sempre às 18:30 h em nossa residência localizada próxima ao Campus da USP em Ribeirão Preto.

Oficialmente o módulo é oferecido no segundo semestre, mas, na prática se inicia em meados de março e se encerra, usualmente, em princípios de setembro. Com isso temos maior flexibilidade para modificar os encontros em função de impossibilidades dos estudantes (provas, por exemplo) e nossas (viagens a congressos, etc.). Na Tabela 1, abaixo, é possível ver o programa desenvolvido, bem como a bibliografia básica recomendada.

Embora a frequência mínima para aprovação, como determinado pela USP, seja de 70%, fazemos questão que todos os estudantes assistam à primeira aula. Nela, baseado no livro do compositor norte-americano Aaron Copland, discuto "O que ouvir na música"¹⁶. Esclarecemos nesta reunião inicial que não é necessário qualquer conhecimento técnico sobre música para acompanhá-la. No entanto, nesta primeira atividade, destacamos os diversos elementos que compõem a música (ritmo, melodia, harmonia, timbre, textura e forma musical) para que, posteriormente, possamos apontar sua evolução ao longo da história. Com isso, procuramos estimular o desenvolvimento da audição ativa, uma habilidade também essencial em uma entrevista clínica.

Tabela 1

Programa da disciplina
<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução geral: Descrição do curso, indicação do material didático, princípios básicos (melodia, ritmo, harmonia, cor, textura e formas musicais), sistema modal e tonal. 2. Idade Média: Canto Gregoriano. O nascimento da polifonia vocal: Ars Antiga e Ars Nova, Guillaume de Machat. 3. Música renascentista (Josquim, Byrd, Lassus, Morales, Palestrina, Gabrieli). 4. Barroco: Homofonia e o nascimento da ópera: Monteverdi. Desenvolvimento da música instrumental: Corelli, Frescobaldi. Ópera no século XVII: Alessandro Scarlatti, Lully, Purcell. A ópera Buffa: Pergolesi. O Barroco Protestante: Schutz. 5. Barroco no século XVIII: Vivaldi, Domenico Scarlatti, Couperin, Rameau, Handel e Bach. 6. Período clássico: Início: J.C. Bach e C.P.E. Bach. Desenvolvimento da forma sonata. Haydn, Mozart, Beethoven. 7. Romantismo: Início: Schubert, Mendelssohn. Ópera alemã: (Weber) e italiana (o Bel canto: Rossini, Donizetti e Bellini). Alto romantismo Francês (Berlioz) e Alemão (Schumann). Chopin e Liszt. 8. Nacionalismo na música: Grieg, Smetna, Dvorak, os "cinco" (Mussorgsky, Rimsky-Korsakof, Borodin), Tchaikovsky. 9. Verdi, Wagner, Verismo (Bizet, Puccini), Brahms, Frank, Elgar. 10. Os Wagnerianos: Bruckner e Wolff. 11. Crise da música ocidental: Strauss e Mahler. 12. Impressionismo: Debussy e Ravel. 13. Stravinsky. Neoclassicismo e músicos nacionais: Falla, Granados, Gershwin, Ives, Villa-Lobos, os "seis" (Milhaud, Honegger, Poulenc). 14. A escola de Viena: Schoenberg, Berg e Webern. 15. O pós-guerra: Varese, Messian, Cage, Boulez, Berio, Stockhausen, serialismo, música aleatória, música concreta, minimalismo.
<p>Bibliografia básica: 1. Carpeaux, OM. Uma Nova História da Música. 2. Copland A. What to listen for in Music.</p>

O IMPACTO DA COVID-19

No ano de 2020 enfrentamos um desafio inédito. Imediatamente depois de nossa primeira aula presencial, foi decretada a quarentena devido à pandemia pela COVID-19. Após consulta via grupo de WhatsApp que criamos, decidimos manter o curso via ensino à distância (EAD). Após essa decisão, fomos procurados por mais quatro estudantes que manifestaram o desejo de cursar a disciplina, e para os quais repetimos a aula inicial.

As duas primeiras aulas em EAD, no nosso entendimento, não foram satisfatórias. Isso se deveu à nossa inexperiência, ao tentarmos transmitir pela internet as aulas ministradas de forma presencial. A qualidade do som captado era pobre, privando os estudantes do aspecto mais importante do curso: ouvir ativamente música de qualidade. No entanto, graças a uma "dica" de uma das estudantes, passamos a utilizar o compartilhamento de apresentações do "Youtube" durante as aulas oferecidas via "Google Meet".

A experiência foi muito enriquecedora, permitindo que os estudantes conhecessem, além das músicas e seus compositores, os grandes solistas, orquestras, maestros, cantores e casas

de espetáculos. Também conseguimos apresentar trechos selecionados, com legendas em português ou inglês e comentados por nós, das grandes óperas. O sucesso destas atividades nos permite antecipar sua integração às futuras versões do curso (pós-COVID), pelo menos em uma modalidade mista que inclua atividades presenciais e de EAD.

É interessante que, mesmo dispensados pela Comissão de Coordenação do Curso de frequentarem disciplinas optativas no ano de 2020, todos os estudantes optaram pela continuidade da disciplina, inclusive durante o período das férias escolares regulares de julho.

AS AVALIAÇÕES DOS ESTUDANTES

A Figura 1 mostra o número de estudantes que participou anualmente da disciplina no período de 2015 a 2020, em um total de 64 alunos. Destes, 40 (62,5%) retornaram as autoavaliações anônimas que distribuimos ao final do curso.

A boa aceitação do curso é visível nas respostas, com 100% dos estudantes considerando a disciplina boa ou ótima. O interesse despertado também foi elevado (no total, 97,5% bom ou ótimo).

Da mesma forma, 95% dos alunos entenderam que a disciplina foi boa ou ótima para sua formação cultural como futuro(a) médico(a). A Figura 2 mostra a evolução da avaliação ao longo das várias edições da

disciplina. É possível observar que a tendência à diminuição de conceitos “ótimos” nos anos de 2018 e 2019 foi revertida em 2020, possivelmente refletindo a introdução de recursos de EAD neste período.

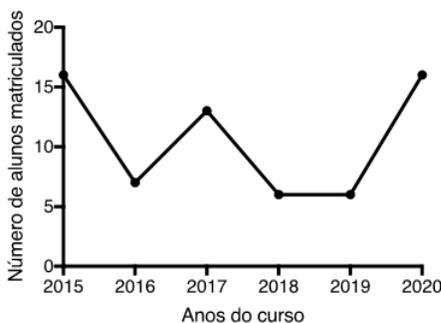


Figura 1: Número anual de alunos matriculados na disciplina.

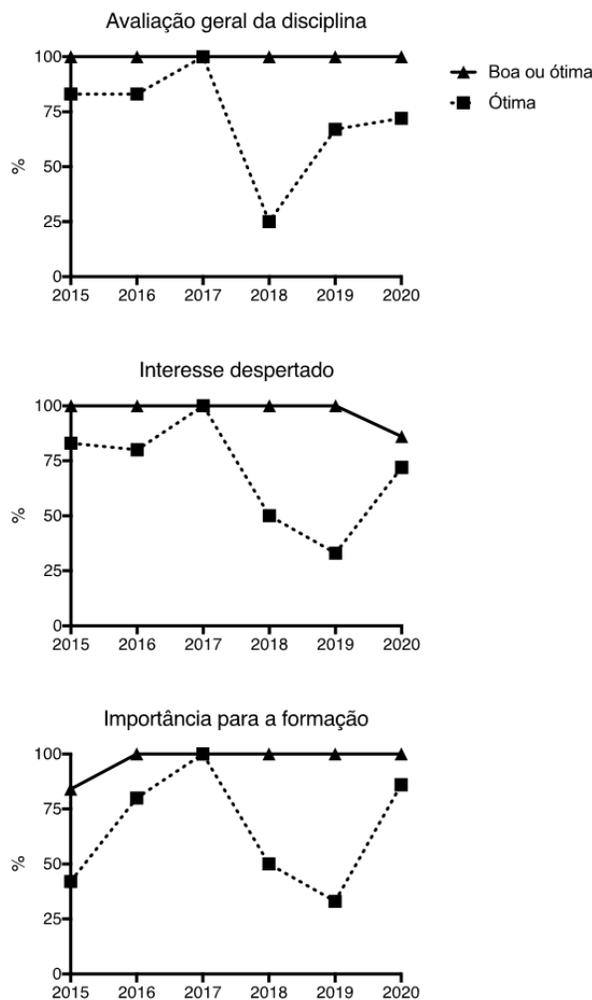


Figura 2: Avaliação da disciplina pelos estudantes em % de respostas em relação à avaliação global, interesse despertado, e importância para a formação cultural como médico. Estão mostrados os resultados referentes à categoria “ótimo” e a soma das respostas com avaliações “Boa” ou “Ótima”.

CONCLUSÕES

Uma das alternativas propostas para fortalecer a resiliência dos estudantes do curso de medicina ao estresse é a participação em atividades lúdicas e reflexivas⁶. Nesse sentido, a música pode promover sentimentos de inclusão social, coerência, equilíbrio e propósito, e favorecer a consciência e fortalecimento de nossas emoções¹⁷. Além disso, como mencionado acima, a audição ativa necessária à apreciação musical auxilia no desenvolvimento de competências essenciais na prática clínica, como a atenção, imaginação e reflexão⁸. Foi com estes objetivos que procuramos abrir “um novo caminho”, iniciando a disciplina de história da música há seis anos.

No ano de 2020 o curso teve características especiais e, na nossa opinião, contribuiu para os objetivos do CAEP e da FMRP de “tornar este um semestre melhor”. Nesse sentido, reproduzimos uma das avaliações anônimas que recebemos, e que nos deixou imensamente satisfeitos: “Viajei pela Europa, pude apreciar obras de arte, visitar teatros, conhecer artistas, assistir óperas e orquestras sem sair de casa. Essa disciplina aumentou minha bagagem cultural e acredito que para ser uma boa médica se faz necessário ter contato com diversas áreas de conhecimento, dentre eles a Música, arte capaz de despertar os diversos sentimentos através do som”.

Estas e as demais avaliações positivas que a disciplina tem recebido nos encoraja a continuá-la. Além disso, talvez esta experiência, ao mostrar sua receptividade e importância atribuída pelos alunos à formação profissional, possa estimular o oferecimento de outros cursos voltados ao ensino das artes na nossa Faculdade.

REFERÊNCIAS

1. Bramness JG, Fixdal TC, Vaglum P. Effect of medical school stress on the mental health of medical students in early and late clinical curriculum. *Acta Psychiatrica Scandinavica* 84:340-5, 2007. DOI: 10.1111/j.1600-0447.1991.tb03157.x
2. Goebert D, Thompson D, Takeshita J, et al. Depressive symptoms in medical students and residents: A multischool study. *Academic Medicine* 2009;84:236. DOI: 10.1097/ACM.0b013e31819391bb
3. Radcliffe C, Lester H. Perceived stress during undergraduate medical training: A qualitative study. 2003; *Medical Education* 37:32-8. DOI: 10.1046/j.1365-2923.2003.01405.x
4. Voltmer E, Kieschke U, Schwappach DL, Wirsching M, Spahn C. Psychosocial health risk factors and resources of medical students and physicians: A cross-sectional study. 2008; *BMC Medical Education* 8:46-54. DOI: 10.1186/1472-6920-8-46
5. Henning MA, Krageloh CU, Hawken SJ, Zhao Y, Doherty I. The Quality of Life of Medical Students studying in New Zealand: A comparison with Nonmedical Students and a General Population reference group. 2012; *Teaching and Learning in Medicine*, 24(4): 334-340. DOI: 10.1080/10401334.2012.715261
6. Tempski P, Bellodi PL, Paro HBMS, Enns SC et al. What do medical students think about their quality of life? A qualitative study. 2016; *BMC Medical Education* 12: 106. DOI: 10.1186/1472-6920-12-106
7. Gubric N, Badovinac S, Johri AM. Student mental health in the midst of the COVID-19 pandemic: a call for further research and immediate solutions. 2020; *International Journal of Social Psychiatry* 66: 517-518. DOI: 10.1177/0020764020925108
8. Frich JC, Fugelli P. Medicine and the Arts in the Undergraduate Medical Curriculum at the University of Oslo Faculty of Medicine, Oslo, Norway. 2003; *Academic Medicine* 78: 1036-1038. DOI: 10.1097/00001888-200310000-00020
9. Audrey S. Music, Medicine, and the art of listening. 2006; *J Learning through Art* 2: 1-13.
10. Carpeaux OM. O livro de Ouro da História da Música. 7ª. Edição, Ediouro, Rio de Janeiro, 2001.
11. Storr A. Music and the Mind. Ballantine Books, New York, 1992.
12. Lieburg MJ van. Depression and Music. *Organon Int, Oss*, 1989.
13. Ortega RA, Andreoli MT, Chima RS. Is there a place for music in medical school? 2011; *Medical Teacher* 33: 76-77. doi: 10.3109/0142159X.2010.530705
14. Simon HB. Music as Medicine. 2015; *Am J Med* 128 (2):208-210. DOI: 10.1016/j.amjmed.2014.10.023
15. Burrai FB, Sanna GD, Moccia E, Morlando F et al. Beneficial effects of listening to classical music in patients with heart failure: a randomized controlled trial. 2019; *J Cardiac Failure* 26(7):541-549. DOI: 10.1016/j.cardfail.2019.12.005
16. Copland A. What to listen for in music. Penguin, New York, 1939.

Autor Correspondente:
Francisco Silveira Guimarães
fsguimar@fmrp.usp.br

Editor:
Prof. Dr Felipe Villela Gomes

Recebido: 29/10/2020
Aprovado: 18/02/2021



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.